

Economista prevê edição de novo plano

ARQUIVO CORREIO BRAZILEIRO

São Paulo — A aceleração inflacionária, o efeito dos cruzados novos sobre o consumo, a avidez dos empresários em re-marcar preços e a debilidade dos instrumentos de política econômica levarão o Governo a ter como única saída a adoção do terceiro plano da era Collor. A sombria previsão foi feita ontem pelo presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo, Geraldo Gardenalli, que até janeiro ocupava, na equipe de Zélia Cardoso de Mello, o cargo de secretário nacional da Fazenda. "O cenário amplia essa possibilidade e não há muito o que fazer", diz. Ele acredita que a equipe econômica está de mãos atadas e, como as chances de estabilização da inflação são baixas, ao Governo cabe apenas tentar ganhar tempo, torcer para que as coisas não piorem ainda mais no curto prazo.

"O ritmo dos últimos reajustes de preços salta aos olhos. Em julho, vários produtos subiram mais de 40 por cento", afirma Gardenalli. Dados desse tipo, analisados em conjunto com a expectativa de que o Governo errou na avaliação sobre o destino dos cruzados novos, tornam o novo choque cada vez mais visível, segundo ele. Para o economista, ao menor sinal de crescimento do consumo, os preços serão majorados e não há instru-



Gardenalli está descrente

mentos capazes de segurar a escalada da taxa inflacionária. "Do lado fiscal já se usou de tudo para elevar a receita. O corte nos gastos está acima do que deveria", explica.

A outra alternativa do Governo, diz o economista, seria ampliar o cerco sobre a liquidez, através de uma política monetária mais apertada. Contudo, o risco de elevar a taxa de juro — que tem a Taxa Referencial (TR) como espelho — poderia ser ainda mais desastroso. "Para o mercado, o avanço da TR seria interpretado como uma expectativa de inflação ascendente por parte do próprio Governo", destaca. Aliás, observa Gardenalli, a instituição da TR e do Fundão (Fundo de Aplicações Financeiras) prejudicaram a possibilidade de

se usar a política monetária contra a inflação. Enquanto isso, apenas por conta da colocação dos cruzados novos no mercado, a liquidez subirá de 20 por cento a 25 por cento ao mês, pelas contas do ex-secretário nacional da Fazenda.

"O Banco Central não tem nenhuma carta na manga para fazer uma taxa ativa e inibir o consumo. Com os cruzados nas mãos, acredito também que muitos partirão para ativos reais (dólar e ouro) e imóveis". Esse efeito sobre o consumo, que em outros períodos foi precedido por medidas recessivas, que causaram até desvalorização em muitos preços, não encontram agora ambiente semelhante. "O Governo, por motivos políticos, não gostaria de ver afetada sua credibilidade e, portanto, não tornaria a impor à população mais sacrifícios ou propor a volta da indexação", avalia Gardenalli.

Todo esse clima, na sua visão, levará a algum tipo de atitude por parte do Governo. "Talvez se perceba que é preciso criar um outro instrumento no lugar da TR, a tempo de evitar uma decisão de pânico, já que um novo choque, seis meses depois do Plano Collor II, significaria dizer à sociedade que a eficácia dos planos está se tornando cada vez menor e isso seria muito desagradável", opina o economista.